



# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano LI, número 12 (2.609)

Cidade do Vaticano

terça-feira 24 de março de 2020

No Angelus Francisco convidou todos os cristãos a recitar o Pai-Nosso a 25 de março

## A universalidade da oração contra a pandemia

E no dia 27 em São Pedro adoração, bênção Urbi et Orbi e indulgência plenária

Fé, perseverança e coragem: estas são as três condições para a oração – «nestes dias, quando é necessário rezar, rezar mais», porque «o Senhor... nos faz esperar, leva o seu tempo, mas não desilude» – indicou o Papa Francisco durante a missa celebrada em Santa Marta na manhã de segunda-feira, 23 de março, no início de uma semana caracterizada por dois importantes compromissos anunciados pelo próprio Papa no Angelus dominical para combater a pandemia da Covid-19: quarta-feira, 25 de março, solenidade da Anunciação, ao meio-dia, a recitação do Pai-Nosso por «todos os cristãos», com o convite dirigido a «todos os chefes das Igrejas e líderes de todas as comunidades cristãs, juntamente com todos os cristãos das diversas denominações»; e sexta-feira, 27 de março, com a mesma intenção, às 18h, um «momento de oração» por ele presidido «no adro da Basílica de São Pedro, com a praça vazia». Pode-se «participar espiritualmente», explicou, «através da mídia». E no final, o Papa dará «a bênção Urbi et Orbi, à qual será anexada a possibilidade de receber a indulgência plenária». Antes da oração da biblioteca particular do Palácio Apostólico, Francisco comentou o Evangelho do 4º domingo da Quaresma: o capítulo 9 de São João.

Entretanto a Sala de Imprensa da Santa Sé anunciou que «devido à atual situação mundial e de acordo com as autoridades e a Igreja local, a anunciada viagem apostólica» do Sumo Pontífice a Malta, prevista para 31 de maio, «foi adiada para uma data a ser definida».

### NESTE NÚMERO

*Pág. 2:* Indulgência plenária e possíveis absolvições coletivas para a emergência do coronavírus; Nota da Penitenciária Apostólica sobre o sacramento da reconciliação *pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira, 18 de março; *págs. 4-5:* Em diálogo com Francesco De Gregori, por Andrea Monda; *pág. 6:* Missa em Santa Marta; Os sinos continuam a tocar, por Giulia Alberigo; *pág. 7:* Informações; *pág. 8:* Angelus de 22 de março.



## O bispo de Roma reza com a Itália

Mensagem vídeo aos participantes na recitação do rosário

*Com a seguinte mensagem vídeo o Papa Francisco quis unir-se à recitação do Rosário pela Itália promovido pela Conferência episcopal do país, às 21h de quinta-feira, 19 de março, Solenidade de São José.*

Caros irmãos e irmãs!

Uno-me à oração que a Conferência Episcopal quis promover, como sinal de unidade para todo o país.

Nesta situação sem precedentes, em que tudo parece vacilar, ajudemo-nos a permanecer firmes no que realmente importa. Esta é uma indicação do caminho a seguir que encontro em tantas cartas dos vossos Pastores que, ao partilharem um momento tão dramático, procuram apoiar a vossa esperança e a vossa fé com as suas palavras.

A recitação do Rosário é a oração dos humildes e santos que, nos seus mistérios, com Maria contemplam a vida de Jesus, o rosto misericordioso do Pai. E como todos nós precisamos de ser verdadeiramente consolados, para nos sentirmos abrangidos pela sua presença de amor!

A verdade desta experiência mede-se na nossa relação com os outros, que neste momento coincidem com os nossos parentes mais próximos: sejamos próximos uns dos outros, exercendo primeiro a caridade, a compreensão, a paciência e o perdão.

Por necessidade os nossos espaços podem ter-se limitado às paredes de casa, mas tende um coração maior, onde o outro pode encontrar sempre disponibilidade e acolhimento.

Esta noite rezemos unidos, confiando-nos à intercessão de São José, Guarda da Sagrada Família, Guarda de todas as nossas famílias. Também o carpinteiro de Nazaré conheceu a precariedade e a amargura, a preocupação pelo amanhã; mas sabia caminhar na escuridão de certos momentos, deixando-se guiar sem

pre sem hesitações pela vontade de Deus.

*Protege,* Santo Guarda, este nosso país.

*Ilumina* os responsáveis pelo bem comum, para que saibam – como tu – cuidar das pessoas confiadas à tua responsabilidade.

*Dá* a inteligência da ciência àqueles que procuram os meios adequados para a saúde e o bem-estar físico dos irmãos.

*Apoia* aqueles que se dedicam aos necessitados: voluntários, enfermeiros, médicos, que estão na linha da frente no tratamento dos doentes, mesmo à custa da própria incolumidade.

*Abençoa,* São José, a Igreja: a começar pelos seus ministros, faz dela um sinal e um instrumento da tua luz e da tua bondade.

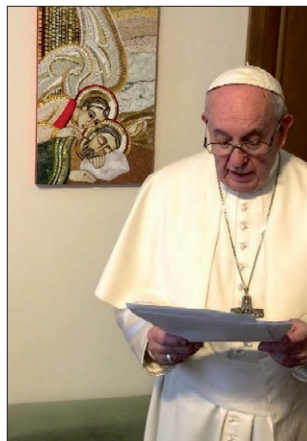
*Acompanha,* São José, as famílias: com o teu silêncio orante, constrói a harmonia entre pais e filhos, especialmente os mais pequeninos.

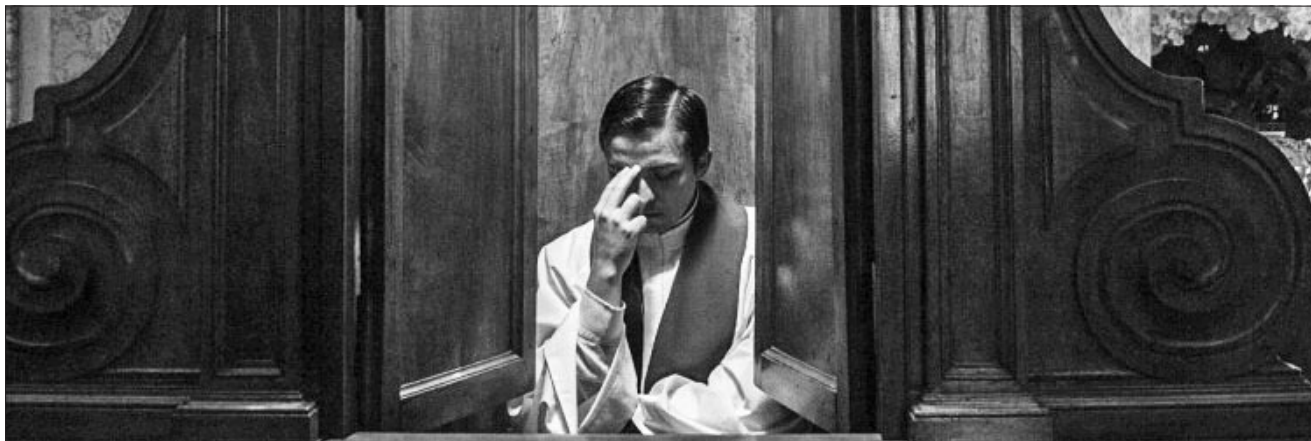
*Preserva* os idosos da solidão: que ninguém seja deixado no desespero do abandono e do desânimo.

*Conforta* os mais frágeis, *encoraja* os que vacilam e *intercede* pelos pobres.

Com a Virgem Mãe, *roga* ao Senhor para que liberte o mundo de qualquer forma de pandemia.

Amém!





## Indulgência plenária e possíveis absolvições coletivas para a emergência do coronavírus

### PENITENCIARIA APOSTÓLICA DECRETO

*O dom das Indulgências especiais é concedido aos fiéis atingidos pela Covid-19, em geral conhecida como Coronavírus, assim como aos profissionais da saúde, aos familiares e a todos aqueles que cuidam deles de qualquer maneira, inclusive através da oração.*

«Sede alegres na esperança, constantes na tribulação, perseverantes na oração» (Rm 12, 12). As palavras escritas por São Paulo à Igreja de Roma ecoam ao longo de toda a história da Igreja e guiam o julgamento dos fiéis face a qualquer sofrimento, doença e calamidade.

O momento presente em que toda a humanidade, ameaçada por uma doença invisível e insidiosa, que há já algum tempo se tornou prepotentemente parte da vida de todos, é marcado dia após dia por medos angustiados, novas incertezas e, sobretudo, por um sofrimento físico e moral generalizado.

A Igreja, seguindo o exemplo do seu Divino Mestre, sempre cuidou dos doentes. Como assinala São João Paulo II, o valor do sofrimento humano é duplo: «É sobrenatural, porque se radica no mistério divino da Redenção do mundo; e é também profundamente humano, porque nele o homem se aceita a si mesmo, com a sua própria humanidade, com a própria dignidade e a própria missão» (*Salvifici doloris*, 31).

Também o Papa Francisco, nestes últimos dias, mostrou a sua paterna proximidade e renovou o seu convite a rezar incessantemente pelos enfermos de Coronavírus.

Para que todos aqueles que sofrem por causa da Covid-19, precisamente no mistério deste sofrimento, possam redescobrir «o próprio sofrimento redentor de Cristo» (*ibid.*, n. 30), esta Penitenciaría Apostólica, ex auctoritate Summi Pontificis, confiando na palavra de Cristo Senhor e considerando com espírito de fé a atual epidemia, que deve ser vivida em espírito de conversão pessoal, concede o dom das Indulgências de acordo com a seguinte disposição.

A Indulgência plenária é concedida aos fiéis que sofrem de Coronavírus, sujeitos a quarentena por ordem da autoridade da saúde nos hospitais ou nas próprias casas, se, com espírito desprendido de qualquer pecado, se unirem espiritualmente através dos meios de comunicação social à celebração da Santa Missa, à recitação do Santo

Rosário, à prática piedosa da *Via-Sacra* ou de outras formas de devoção, ou se pelo menos recitarem o Credo, o Pai-Nosso e uma piedosa invocação à Bem-Aventurada Virgem Maria, oferecendo esta prova em espírito de fé em Deus e de caridade para

CONTINUA NA PÁGINA 7

«Eis que estou convosco todos os dias» (Mt 28, 20)

### Nota da Penitenciaría Apostólica sobre o sacramento da reconciliação

A gravidade das circunstâncias atuais exige uma reflexão sobre a urgência e a centralidade do Sacramento da Reconciliação, juntamente com alguns esclarecimentos necessários, tanto para os fiéis leigos como para os ministros chamados a celebrar o Sacramento.

Mesmo no tempo da Covid-19, o Sacramento da Reconciliação é administrado de acordo com o direito canônico universal e com as disposições da *Ordo Paenitentiae*.

A confissão individual é o modo ordinário de celebrar este sacramento (cf. cân. 960 CDC), enquanto a absolvição coletiva, sem confissão individual prévia, não pode ser concedida a não ser em caso de perigo iminente de morte, já que não há tempo suficiente para ouvir as confissões dos penitentes individuais (cf. cân. 961 § 1 CDC), ou uma necessidade grave (cf. cân. 961 § 1, 2º CDC), cuja consideração é da responsabilidade do Bispo diocesano, tendo em conta os

critérios concordados com os outros membros da Conferência Episcopal (cf. cân. 455, § 2 CDC) e sem prejuízo da necessidade, para uma absolvição válida, do sacramento do *votum sacramenti* por parte de cada penitente, ou seja, a finalidade de confessar oportunamente pecados graves individuais, que na altura não era possível confessar (cf. cân. 962 § 1 CDC).

*Esta Penitenciaría Apostólica considera que, especialmente nos lugares mais afetados pelo contágio pandémico e enquanto o fenómeno não acabar, se sigam os casos de grave necessidade mencionados no cân. 961 § 2 CDC.*

Qualquer outra especificação é confiada pelo direito aos Bispos diocesanos, tendo sempre em conta o bem supremo da salvação das almas (cf. cân. 1752 CDC).

Se surgir uma súbita necessidade de conceder a absolvição sacramental a vários fiéis em conjunto, o sacerdote é

obrigado a avisar o Bispo diocesano, na medida do possível ou, se não puder, a informá-lo quanto antes (cf. *Ordo Paenitentiae*, n. 32).

Na atual emergência pandémica, cabe portanto ao Bispo diocesano indicar aos sacerdotes e aos penitentes as prudentes atenções a adotar na celebração individual da reconciliação sacramental, tais como a celebração num lugar ventilado fora do confessionário, a adoção de uma distância adequada, a utilização de máscaras protetoras, sem prejuízo da atenção absoluta à salvaguarda do selo sacramental e à necessária discricção.

Além disso, cabe sempre ao Bispo diocesano determinar, no território da sua circunscrição eclesial e em relação ao nível de contágio pandémico, os casos de grave necessidade em que é lícito conceder a absolvição coletiva: por exemplo, à entrada das enfer-

CONTINUA NA PÁGINA 7

## CATEQUESE

Francisco insistiu sobre o tema-chave do Pontificado



*A misericórdia de Deus  
é a nossa libertação e a nossa felicidade.  
Temos necessidade de perdoar,  
porque temos necessidade de ser perdoados.  
#AudiênciaGeral #BemAventuranças*

(@Pontifex\_pt)

## A primazia da misericórdia

«Recordo que este tema foi escolhido desde o primeiro *Angelus*... como Papa: a misericórdia». Com o pensamento voltado para o alvorecer do seu Pontificado, na vigília do sétimo aniversário do início do ministério petrino, Francisco dedicou a audiência geral de quarta-feira, 18 de março, à quinta das bem-aventuranças. Sintomizado em streaming da Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano, o Sumo Pontífice pronunciou a seguinte catequese.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje meditamos sobre a quinta bem-aventurança, que diz: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7). Nesta bem-aventurança há uma particularidade: é a única em que a causa e o fruto da felicidade coincidem, a misericórdia. Aqueles que exercem a misericórdia encontrarão misericórdia, serão "misericordiosos".

Este tema da reciprocidade do perdão não está presente apenas nesta bem-aventurança, mas é recorrente no Evangelho. E como poderia ser de outra forma? A misericórdia é o próprio coração de Deus! Jesus diz: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados» (Lc 6, 37). Sempre a mesma reciprocidade. E a Carta de Tiago afirma que «a misericórdia prevalece sempre sobre o julgamento» (2, 13).

Mas é sobretudo no Pai-Nosso que rezamos: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12); e este é o único pedido retomado no final: «Porque, se perdoardes aos outros as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas, se não perdoardes aos outros, tampouco o vosso Pai perdoará as vossas ofensas» (Mt 6,

14-15; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.838).

Existem dois elementos que não podem ser separados: o perdão oferecido e o perdão recebido. Mas muitas pessoas sentem-se em dificuldade, não conseguem perdoar. Muitas vezes o mal recebido é tão grande que conseguir perdoar se parece com a escalada de uma montanha muito alta: um esforço enorme; e pensamos: não se pode, isto não se pode! Esta questão da reciprocidade da misericórdia indica que temos necessidade de inverter a perspectiva. Sozinhos não conseguimos, precisamos da graça de Deus, devemos pedi-la. Com efeito, se a quinta bem-aventurança promete encontrar misericórdia, e no Pai-Nosso pedimos a remissão das dívidas, isto significa que somos essencialmente devedores e temos necessidade de encontrar misericórdia!

Todos nós somos devedores, todos! A Deus, que é tão generoso, e aos nossos irmãos. Cada pessoa sabe que não é o pai ou a mãe, o esposo ou a esposa, o irmão ou a irmã que deveria ser. Todos nós estamos "em falta" na vida. E precisamos de misericórdia. Sabemos que também nós praticamos o mal, falta sempre algo para o bem que deveríamos ter feito.

Mas é precisamente esta nossa pobreza que se torna a força para perdoar! Somos devedores e se, como ouvimos no início, formos medidos pela medida com que medimos os outros (cf. Lc 6, 38), então convém-nos alargar a medida e perdoar as ofensas, perdoar. Cada um deve recordar-se que tem necessidade de perdoar, que precisa do perdão, que precisa da paciência; este é o segredo da misericórdia: *é perdoando que somos perdoados*. Porque Deus nos precede e nos perdoa primeiro (cf. Rm 5, 8). Recebendo o seu perdão nós, por nossa vez, tornamo-nos capazes de

perdoar. Assim, a nossa miséria e a nossa falta de justiça tornam-se ocasião para nos abriremos ao reino dos céus, a uma medida maior, à medida de Deus, que é a misericórdia!

De onde nasce a nossa misericórdia? Jesus disse-nos: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36). Quanto mais aceitarmos o amor do Pai, tanto mais amaremos (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.842). A misericórdia não é uma dimensão entre outras, mas constitui o cerne da vida cristã: não há cristianismo sem misericórdia [cf. São João Paulo II, Encíclica *Dives in misericordia* (30 de novembro de 1980); Bula *Misericordiae vultus* (11 de abril de 2015); Carta Apostólica *Misericordia et misera* (20 de novembro de 2016)]. Se todo o nosso cristianismo não nos leva à misericórdia, erramos o caminho, pois a misericórdia é a única meta verdadeira de todo o caminho espiritual. Constitui um dos frutos mais bonitos da caridade (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1.829).

Recordo que este tema foi escolhido desde o primeiro *Angelus* que recitei como Papa: a misericórdia. E isto ficou muito gravado em mim, como uma mensagem que, como Papa, eu deveria transmitir sempre, uma mensagem que deve ser de todos os dias: a misericórdia. Recordo que naquele dia assumi também uma atitude um pouco "descarada" de fazer publicidade de um livro sobre a misericórdia, que tinha acabado de ser publicado pelo cardeal Kasper. E naquele dia senti muito fortemente que, como Bispo de Roma, esta é a mensagem que devo transmitir: misericórdia, misericórdia, por favor, perdão!

A misericórdia de Deus é a nossa libertação e a nossa felicidade. Vivemos de misericórdia e não nos podemos dar ao luxo de viver sem

misericórdia: é o ar que se deve respirar! Somos demasiado pobres para estabelecer as condições, temos necessidade de perdoar, porque precisamos de ser perdoados. Obrigado!

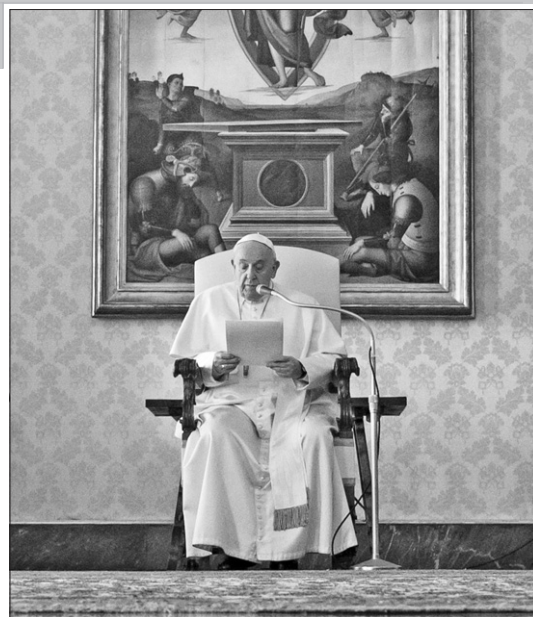
*No final da catequese, antes de recitar o "Pater Noster" e conceder a Bênção apostólica, Francisco proferiu, entre outras, as seguintes saudações.*

Queridos ouvintes de língua portuguesa, a todos vos saúdo e encorajo no caminho quaresmal que nos é proposto, embora num modo um pouco diverso do que era habitual nos demais anos. Mas Deus, Pai de Misericórdia, sabe-o! Desejo-vos um caminho abençoado, que vos permita seguir e imitar mais de perto Jesus, a Misericórdia divina em pessoa. E possais assim dizer, como São Paulo, «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim». Sobre vós e vossas famílias desça a bênção do Senhor!

Na próxima sexta-feira e sábado, 20-21 de março, realizar-se-á a iniciativa de *24 horas para o Senhor*. É um importante encontro da Quaresma para a oração e a aproximação ao sacramento da reconciliação.

Infelizmente em Roma, na Itália e noutros países, esta iniciativa não poderá ter lugar nas formas habituais, devido à emergência do coronavírus. No entanto, esta bonita tradição continuará em todas as outras partes do mundo. Encorajo os fiéis a aproximar-se de maneira sincera da misericórdia de Deus na confissão e a rezar especialmente por aqueles que vivem na provação por causa da pandemia.

Onde não for possível celebrar *24 horas para o Senhor*, estou certo de que este momento penitencial poderá ser vivido através da oração pessoal.



NARRAÇÃO – PALAVRA DO ANO

Em diálogo com Francesco De Gregori

# Ter ouvido as mesmas histórias ajuda os homens a reconhecer-se

ANDREA MONDA

Corria o ano de 1983 e Francesco De Gregori cantava sobre uma jovem e uma mina, sobre o coração humano... «um arbusto de espinhos»: e sobre o facto que: «Ainda bem que há sempre alguém que canta / E a tristeza faz passar / Se não a nossa vida seria / Como um barquinho no meio do mar».

A 24 de janeiro, o Papa publicou a Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais e falou da necessidade da narração, de ha-

ver quem tenha a capacidade e a coragem de contar boas histórias, porque de outra forma prevaleceriam o desorientamento, a desorientação, a rendição ao domínio dos mexéricos e das narrações falsas e negativas, manipuladoras e desencorajadoras.

O cantor-compositor romano ficou muito impressionado com as palavras do Papa: «Na verdade, se eu penso na canção, *La ragazza e la miniera*, não sei se a tristeza pode realmente passar graças a alguém que canta. Talvez não, talvez nem sempre, talvez dependa de

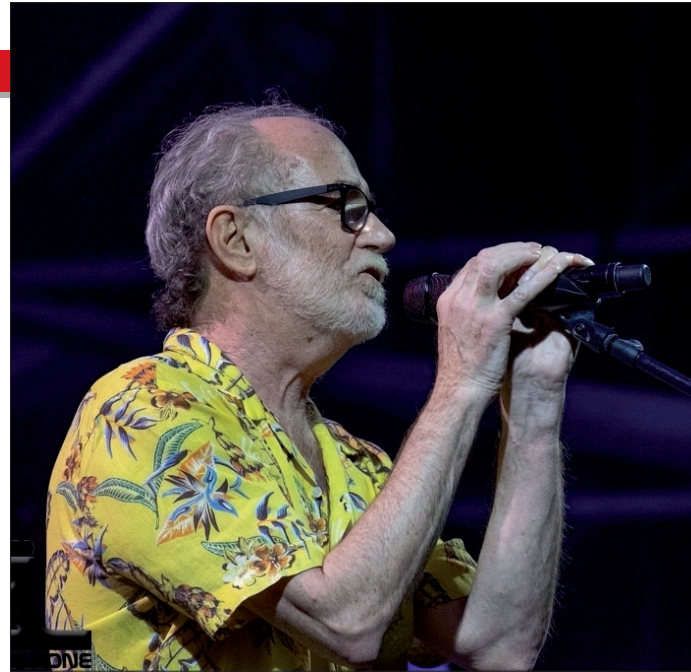
qual seja a canção... Eu não acredito muito nas canções "edificantes" no sentido banal do termo, assim como nunca acreditei nas canções "afetadas". Não significa que por ser "boa" uma narração deva necessariamente triunfar sobre o mal, nem sempre o final feliz é obrigatório, plausível ou suportável».

*De facto, na mesma Mensagem, o Papa destacou que "histórias boas" não significa que estão desprovidas da narração do mal, pelo contrário, «Também quando narramos o mal, podemos aprender a deixar espaço para a redenção, podemos reconhecer no meio do mal até o dinamismo do bem e dar-lhe espaço».*

Sim, certamente. Penso num filme como *Paths of Glory* de Stanley Kubrick que, no final, vê a injustiça e a ferocidade triunfarem, mas que, justamente na canção de uma prisioneira alemã espezinhada e forçada a apresentar-se diante dos soldados franceses vencedores, encontra nos últimos fotogramas uma redenção da piedade e um reconhecimento recíproco da dor comum. Então talvez sim, uma canção pode fazer bem, num texto podemos encontrar a nós mesmos e aos outros, quer sejam vencedores ou vencidos. Afinal, ter lido, visto ou ouvido as mesmas coisas ajuda as pessoas a reconhecerem-se umas às outras, cria uma compreensão, uma linguagem compartilhada desde o início. Se cito Kubrick, e sabe quem ele é, é como se naquele breve momento estivéssemos a rever juntos todos os seus filmes. Quanto tempo poupámos para nos conhecermos, para sabermos um do outro, para podermos contar outras coisas um ao outro! E que vergonha, se eu, por acaso, der por certo que o meu interlocutor viu *8 e 1/2* de Fellini e percebe que não é assim (obviamente o oposto também pode acontecer!).

O olhar de De Gregori é lícido sobre as grandes transformações que têm investido a sociedade, especialmente no campo das relações e portanto também na comunicação interpessoal, em detrimento do momento da narração.

Hoje, conta-se menos do que antigamente: as férias, o casamento da prima, o nascimento de uma criança já não são contados. Geralmente veem-se fotos no telemóvel e essas fotos não "contam" muito. Quando as vejo, imagino férias ter-



minadas mal, casamentos destinados a não durar, filhos que se tornarão um pouco antipáticos. Isto acontece quando uma tecnologia é abusada em vez de ser usada adequadamente, quando invade outro campo, quando estimula a nossa preguiça e não a nossa criatividade. Quando a beleza da narração e da escuta é removida em nome de uma reivindicação de velocidade ou simplicidade na comunicação, que muitas vezes são o oposto da verdade. Outro filme que me vem à mente, *Blow Up*, de Antonioni, que revejo de bom grado, onde a realidade é diferente, inevitavelmente, da realidade fotografada. Em suma, também a foto das férias nas Maldivas é uma *fake news* como muitas outras, certamente mais aberrantes e perigosas, que estão à nossa volta e que tiram espaço às palavras e à verdade.

*Há outra razão pela qual De Gregori ficou muito impressionado com a mensagem do Papa, um pouco pessoal, relacionada com o seu trabalho de cantor-compositor.*

A primeira coisa que me impressionou na reflexão do Papa é pequenina, mas que de alguma forma me diz respeito pessoalmente: o facto de que ele não tenha problema algum em colocar as canções ao lado da literatura e do cinema. Isto não é sempre garantido. É difícil que as canções sejam consideradas cultura, raramente o que as canções "contam" é convidado para

a mesma mesa das chamadas artes "maiores". Por outro lado, a Igreja tem muitas vezes antecipado atitudes e aberturas semelhantes. Há alguns dias visitei os Museus do Vaticano e, ao longo do corredor dos candelabros, admirei no teto um belíssimo afresco do final do século XIX dedicado às artes e entre elas está incluída, embora colocada aos pés das religiosas, também a foto-

*Dos três requisitos que o Papa Francisco indica como propriedades fundamentais das histórias que a humanidade precisa, o verdadeiro, o belo, o bom, é o primeiro que mais impressiona o cantor-compositor romano.*

Sim, o Papa fala de belas histórias, histórias verdadeiras e boas, talvez seja uma forma de dizer que elas não só devem ser esteticamen-

*A verdade que pretendo dizer não é vista como uma solução, mas como uma pesquisa e inspiração contínua. A arte habita na dívida que circunda a existência, e na tentativa sempre frustrada de penetrar a verdade, ela encontra a sua consistência, a sua força consoladora. Porque nos sentimos frágeis, mas íntimos que na verdade não podem haver nem maldade nem fealdade*

gra, incrível! Muito antes que ela fosse conhecida como uma expressão artística e narrativa autónoma. No afresco uma máquina fotográfica primitiva, uma simples caixa com uma lente rudimentar, certamente uma das primeiras experimentadas, é representada ao lado de um tear. Portanto, a arte da narração ao lado daquela da tecelagem. Ambas narram. Um único "texto", como diz o Papa, envolve o homem e concerne a humanidade.

te belas, mas devem lidar direta e concretamente com a vida, devem ser capazes de a transformar. A questão é que a vida, e estes três aspectos fundamentais dela, são quase como o polígono e a dor de dentes de que Borges fala (encontrei este esplêndido exemplo precisamente ao ler «L'Osservatore Romano»); apenas o primeiro é claramente definível, enquanto o belo, o verdadeiro e o bom são três conceitos difíceis de definir, assemelham-se um pouco à dor de dentes da

*«Desejo dedicar a Mensagem deste ano ao tema da narração, pois, para não nos perdermos, penso que precisamos de respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destruam; histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos»*

(Papa Francisco para o Dia das comunicações sociais de 2020)

qual todos nós temos experiência, mas que escapa a uma descrição exata. Parece-me, no entanto, que o "verdadeiro" também pode incluir os outros dois, sem forçar em demasia. Para aqueles que produzem histórias, para aqueles que tecem a trama do real e do imaginário, para aqueles que se deixam vestir escutando, lendo, vivendo numa grande casa comum. É a verdade que informa o trabalho do artista, se o artista for honesto (não necessariamente um "grande artista").

*Numa canção de 1966 Bob Dylan diz que «se quiser viver fora da lei, um homem tem que ser honesto». O senhor sempre reconheceu uma dívida de inspiração para com Dylan; não acha que há uma grande verdade nesta frase? Uma verdade própria do artista, que de um certo ponto de vista é sempre desregulado, mas também para cada homem chamado à própria responsabilidade, a uma "lei" que vai além da escrita, e que está ligada à fidelidade, quase lealdade à vida, à terra, a fazer parte da humanidade?*

É um verso sintético, bonito e, apesar da aparência, nada enigmático. O conflito do homem com a lei sempre esteve no coração das pessoas desde a época de Antígona. Dylan parece banalizá-lo porque o coloca nos lábios de um homem que está na prisão, torna-o, por assim dizer, diário, levando-o ao terreno do canto popular do qual é epigono e continuador. Conhecemos a religiosidade de Dylan, as suas frequentes referências às Escrituras. Como também conhecemos o período em que se aproximou da religião dos Cristãos Renascidos, quando ele produziu três discos de pouco sucesso comercial e enfrentou conscientemente um público que ficou compreensivelmente desiludido com essa conversão artística e também pessoal. Neste caso ele transgrediu uma lei, foi "honesto".

*De Gregori volta ao tema da verdade; está muito perto do seu coração, ele quer explicá-lo com mais exactidão.*

A verdade que pretendo dizer não é vista como uma solução, mas como uma pesquisa e inspiração contínua. «State contenti, umana gente, al quias»: não podemos saber

tudo, adverte Dante, se não adiarmos a nossa legítima exploração de nós mesmos e do mundo para algo que nos transcende e nos escapa continuamente, que só podemos intuir e fazer nosso com um ato de confiança, ou até de fé, numa verdade que está sempre um passo à nossa frente. A arte habita na dívida que circunda a existência, e na tentativa sempre frustrada de penetrar a verdade, ela encontra a sua consistência, a sua força consoladora. Porque nos sentimos frágeis, mas íntimos que na verdade não podem haver nem maldade nem fealdade. Que forma, então, devem ter uma história e uma bibliografia do mundo que sejam verdadeiras, boas e belas, mas que não renunciem à descrição do mal e do fracasso tão presentes na história humana? Como não cometer falso testemunho? Qual é a responsabilidade do artista, do editor, do engenheiro? Como distinguir a verdade do *fake*? Como colocar o Evangelho e o *Mein Kampf* na mesma biblioteca? E como percorrer as salas desta biblioteca sem se perder? Talvez a resposta a todas estas perguntas esteja confusa no vento, como diz Dylan, mas basta saber escutar para nos orientarmos, escolher o que contar, o que ler e a maneira de viver como árbitros de nós mesmos.

*Há um seu verso que efetivamente encerra esta reflexão, quando em "Ti leggo nel pensiero", diz «Sarà quel che sarà, se sarà vero» ["Será o que for, se for verdade"]. Parece-me uma canção de espiritualidade intensa: o protagonista dirige-se a uma mulher, mas também poderia ser uma oração a Alguém que está mais alto, capaz de "pescar um homem que caiu no mar", tudo isto num horizonte dramático, mas rico de esperança: «Sarà quel che sarà, e mi vedrai davvero / Poco prima dell'alba, quando il buio è più nero» ["Será o que for, e realmente me verá / Pouco antes do amanhecer, quando a escuridão for mais intensa"]. Estou a sentir algo ou talvez esteja a fazer como o polígono e caiu no risco de querer compreender e definir tudo?*

Não, não é dedicada a uma figura feminina. É precisamente uma canção que alude ao mistério, à transcendência, à espiritualidade.



Pormenor da capa do Álbum «La donna cannone» (1983)

Celebração da missa em Santa Marta

## O Papa rezou pelos idosos e pessoas sozinhas

Com a adoração e a bênção eucarística, o Papa Francisco concluiu a Missa celebrada na manhã de terça-feira, 17 de março, na capela da Casa Santa Marta. Depois da comunhão, com o ostensório colocado no altar para adoração, o bispo de Roma concedeu a bênção que, através da transmissão ao vivo em *streaming*, chegou a todos aqueles que estão a viver este tempo de pandemia.

Francisco ofereceu a celebração, de modo especial, pelas pessoas idosas e sozinhas. «Gostaria – disse improvisando no início da missa – que hoje rezássemos pelos idosos que sofrem este momento de uma maneira especial, com uma solidão interior muito grande e às vezes com tanto medo».

«Peçamos ao Senhor – acrescentou – que esteja próximo dos nossos avós, das nossas avós, de todos os idosos e lhes dê forças». Eles transmitiram-nos sabedoria, vida, história. Também nós estamos próximos deles com a oração.

E para reforçar a sua intenção espiritual o Pontífice leu a antífona da entrada, tirada do Salmo 17 (6-8). «Invoco-Vos, Senhor, porque me responderéis; inclinaí para mim os Vossos ouvidos, escutai as minhas palavras. Guardai-me como a pupila dos olhos, escondi-me à sombra das Vossas asas».

Partindo do trecho do Evangelho de Mateus (18, 21-35) proposto pela liturgia, Francisco proferiu a homilia sobre o perdão. «Jesus – explicou referindo-se ao texto evangélico imediatamente anterior (18, 15-20) – fez uma catequese sobre a unidade dos irmãos e terminou com uma bela palavra: asseguro-vos que «se dois de vós, dois ou três, concordarem e pedirem uma graça, ela vos será concedida».

Assim, «a unidade, a amizade, a paz entre os irmãos atrai a benevolência de Deus», disse o Papa. E assim, diz Mateus, «Pedro faz a pergunta: sim, mas o que devemos fazer com as pessoas que nos ofendem? “Se o meu irmão comete pecados contra mim”, se ele me ofender, “quantas vezes terei que lhe perdoar? Até sete vezes?»».

À pergunta de Pedro, observou o Pontífice, «Jesus respondeu com aquela palavra que significa, na língua deles, “sempre”: “Setenta vezes sete”. Em síntese, diz o Senhor, «é preciso perdoar sempre e não é fácil perdoar, porque o nosso coração egoísta está sempre apegado ao ódio, à vingança, aos rancores».

Além disso, continuou Francisco, «todos nós vimos famílias destruídas por ódios familiares que vão de geração em geração». Há «irmãos que, diante do caixão de um dos seus pais, não se cumprimentam porque carregam velhos rancores». Realmente, insistiu, «parece que é mais forte apegar-se ao ódio do que ao

amor e isto é apenas “o tesouro”, por assim dizer, do diabo».

Com efeito o diabo, explicou o Papa, esconde-se sempre nos nossos ressentimentos, nos nossos ódios e fá-los crescer, conserva-os neles para destruir». Destruir tudo. E muitas vezes, por coisas pequenas, destrói».

Além disso, disse Francisco, «também se destrói este Deus que não veio para condenar, mas para perdoar». Este Deus que é capaz de fazer festa e esquecer tudo por um pecador que se aproxima. Quando Deus nos perdoa, Ele esquece todo o mal que fizemos». A ponto que «alguém dizia» que o perdão «é a doença de Deus: ele não tem memória, é capaz de perder a memória, nestes casos. Deus perde a memória das histórias más de tantos pecadores, dos nossos pecados. Ele perdoanos e vai em frente».

Deus, explicou o Papa, «pede-nos unicamente: “Faz o mesmo, aprende a perdoar, não carregues esta cruz não fecunda do ódio, do rancor, do “vais pagar por isso”». Uma «palavra», insistiu o Pontífice, que «não é cristã nem humana».

Aqui está, pois, «a generosidade de Jesus, que nos ensina que para entrar no céu é preciso perdoar», disse Francisco. De facto, acrescentou: «Ele diz-nos: “Vais à missa?” – “Sim” – “Mas se quando fores à missa te lembrares que o teu irmão tem algo contra ti, reconcilia-te primeiro; não venhas a mim com o amor por mim numa mão e com o



ódio pelo teu irmão na outra»». É preciso «coerência de amor: perdoar, perdoar de coração».

«Há pessoas – salientou o Papa – que vivem condenando os outros, falando mal do próximo, manchando continuamente os seus companheiros de trabalho, os seus vizinhos, os seus parentes, porque não perdoam algo que lhes fizeram ou não perdoam algo que não agradou». E assim «parece que a riqueza própria do diabo é esta: semear a paixão pelo não perdoar, viver apegado ao não perdoar».

## Os sinos continuam a tocar

GIULIA ALBERIGO

Mais cedo ou mais tarde, talvez mais tarde do que mais cedo, vamos contar este tempo no qual mergulhamos. A meio caminho entre um pesadelo e um filme de ficção científica.

Mudámos os nossos hábitos, mortificámos as nossas liberdades, redefinimos o nosso movimento para zero. No fechamento das nossas casas, mantemo-nos ocupados como podemos.

O tempo tem, de repente, outro significado e valor.

Talvez reflitamos muito mais sobre a nossa fragilidade, sobre a fragilidade da criação. As ruas vazias, persianas fechadas por toda parte, um silêncio soberano sobre os nossos dias de prisioneiros.

Mas, de manhã, ao meio-dia e às vésperas, tocam os sinos das igrejas! Sempre o fizeram, mas agora esse concerto corta o ar de uma maneira nova e diz muitas,

muitas coisas. Vou à varanda da casa e fico ali, enquanto o som se difunde, três vezes por dia, e sinto uma imensa gratidão pela vida que tenho até como prisioneiro, pelo pároco, pelos sinos, pela Igreja que existe, e como!

Entre as muitas reflexões de intelectuais que nestes dias leio nos jornais, há também críticas abertas à Igreja que é sentida, neste período trágico, como ausente.

Ter-se adaptado às rígidas regulamentações governamentais é visto como retirada, fechamento em si mesma. Eu não acho. Por causa dos sinos. Enquanto eles tocarem, receberemos um sinal de existência, de resistência, de união amorosa com todo o povo.

Os sinos tocam para todos nós: fiéis e distraídos, incrédulos, leigos e religiosos. O sagrado que traz dentro de si esse som deve ser intuitivo, acolhido e cultivado dentro de nós, se soubermos como fazê-lo.

Mas «o perdão é uma condição para entrar no céu», recordou Francisco. E «a parábola que Jesus nos conta é muito clara: perdoar», acrescentou. Com os votos «de que o Senhor nos ensine esta sabedoria do perdão, que não é fácil».

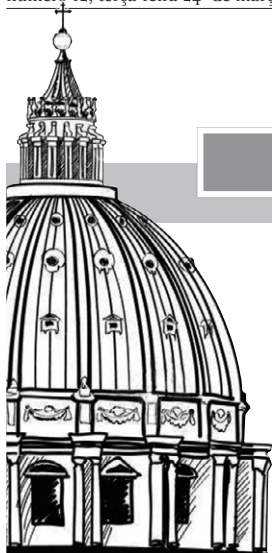
A este respeito, o Papa deu também um conselho espiritual: «Façamos uma coisa: quando formos à confissão, para receber o sacramento da reconciliação, perguntemo-nos primeiro: eu perdoar? Se sentir que não perdoar, não finjo que peço perdão, porque eu não serei perdoado». Na verdade, não se deve esquecer que «pedir perdão significa perdoar: ambos estão juntos, não se podem separar».

Referindo-se ao trecho do Evangelho de Mateus, o Pontífice disse que «aqueles que pedem perdão para si mesmos» – como o mau servo da parábola diante do mestre que «perdoa tudo» – «mas não perdoam aos outros, acabarão como» ele. É o próprio Jesus que nos lembra isto no Evangelho de hoje: «Assim fará o meu Pai celeste também convosco se não perdoardes de coração, cada um ao seu irmão».

O Papa concluiu a sua meditação convidando-nos a rezar para que «o Senhor nos ajude a entender isto e a baixar a cabeça, a não sermos soberbos, a sermos magnânicos no perdão». Ou «pelo menos a perdoar “por interesse”. Por que razão? Sim, perdoar porque se eu não o fizer, não serei perdoado. Pelo menos isto. Mas sempre o perdão».

No final da celebração, após a adoração e a bênção eucarística, Francisco confiou as suas orações à Mãe de Deus, permanecendo diante da imagem mariana colocada ao lado do altar da capela de Santa Marta, acompanhado pelo canto da antífona *Ave Regina Caelorum*.

Ao meio-dia, na Basílica Vaticana, o Cardeal Arcipreste Angelo Comastri retomou a oração do Papa, conduzindo a recitação do Angelus e do Rosário.



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 14 de março

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e Leonardo Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais; D. Santo Gangemi, Núncio Apostólico em El Salvador e Observador Extrarregional da Santa

Sé no Sistema de Integração Centro-Americana; e a Rev.<sup>da</sup> Ir. Yvonne Reungoat, Superiora-Geral das Filhas de Maria Auxiliadora.

O Dr. Cav. Ambrogio M. Piazzoni, Vice-Prefeito da Biblioteca Apostólica do Vaticano, com a Ex.<sup>ma</sup> Esposa, em visita de despedida.

No dia 16 de março

Os Senhores Cardeais Kevin Joseph Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; e Beniamino Stella, Prefeito da Congregação para o Clero.

O Dr. Paolo Ruffini, Prefeito do Dicastério para a Comunicação.

O Senhor Cardeal Giuseppe Betori, Arcebispo de Florença (Itália).

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

A 18 de março

De D. Martin Tetsuo Hiragaal, ao governo pastoral da Diocese de Sendai (Japão).

De D. David McGough, ao cargo de Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Birmingham (Grã-Bretanha).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

No dia 17 de março

Bispo da Diocese de Kitui, no Quênia, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Joseph Mwangela, do clero de Kitui, até agora Vigário-Geral da mesma Sede.

D. Joseph Mwangela nasceu a 7 de abril de 1968, em Kakumi (Quênia), e foi ordenado Sacerdote no dia 7 de setembro de 1996.

No dia 18 de março

O Senhor Cardeal Luis Antonio G. Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, Enviado Especial ao Congresso Eucarístico Nacional na República Democrática do Congo, que será celebrado em Lubumbashi, de 7 a 14 de junho.

Membro da Comissão Cardinalícia da Administração do Património da Sé Apostólica (Apsa), o Senhor Cardeal Daniel Fernando Sturla Berhouet, Arcebispo de Montevidéu (Uruguai).

Bispos Auxiliares da Arquidiocese de Birmingham (Grã-Bretanha), o Rev.<sup>do</sup> Cón. David Ernest Charles

Evans e o Rev.<sup>do</sup> Pe. Stephen James Lawrence Wright, ambos do clero da mesma Sede e até à presente data, respetivamente, Vigário Episcopal para Birmingham e Worcester, e Vigário-Geral, simultaneamente nomeados Bispos Titulares de Cuncaestre e de Ramsbiria.

D. David Ernest Charles Evans nasceu em Henley on Thames, Oxfordshire, na Grã-Bretanha, no dia 22 de outubro de 1953, e recebeu a Ordenação presbiteral em 29 de julho de 1978.

D. Stephen James Lawrence Wright nasceu em Stafford, na Grã-Bretanha, a 9 de outubro de 1970, foi ordenado Sacerdote no dia 9 de setembro de 2000.

Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

A 15 de março

D. Gilbert E. Chávez, ex-Bispo Auxiliar de San Diego, nos Estados Unidos da América.

O saudoso Prelado nasceu em Ontário (Estados Unidos da América), a 9 de maio de 1932. Foi ordenado Sacerdote em 19 de março de 1960 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 21 de junho de 1974.

Indulgência plenária para a emergência do coronavírus

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

com os irmãos, com a vontade de cumprir as condições habituais (confissão sacramental, comunhão eucarística e oração segundo as intenções do Santo Padre), o mais depressa possível.

Os agentes da saúde, os familiares e todos aqueles que, seguindo o exemplo do Bom Samaritano, ex-

pondo-se ao risco de contágio, cuidam dos doentes de Coronavírus segundo as palavras do divino Redentor: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13), obterão o mesmo dom da Indulgência plenária em idênticas condições.

Além disso, esta Penitenciaría Apostólica concede de bom grado a Indulgência plenária nas mesmas con-

dições por ocasião da atual epidemia mundial, até àqueles fiéis que oferecerem uma visita ao Santíssimo Sacramento, ou a adoração eucarística, ou a leitura da Sagrada Escritura durante pelo menos meia hora, ou a recitação do Santo Rosário, ou o exercício piedoso da Via-Sacra, ou a recitação do Rosário da Divina Misericórdia, para implorar de Deus Todo-Poderoso o fim da epidemia,

alívio para os aflitos e salvação eterna para aqueles que o Senhor chamou a si.

A Igreja reza por aqueles que não podem receber o Sacramento da Unção dos Enfermos e do Viático, confiando cada um deles à Misericórdia Divina em virtude da comunhão dos santos e concedendo aos fiéis a Indulgência plenária em ponto de morte, contanto que esteja devidamente disposto e tenha recitado habitualmente durante a vida alguma oração (neste caso a Igreja supre às três habituais condições exigidas). Para a consecução desta indulgência é recomendável o uso do crucifixo ou da cruz (cf. *Enchiridion indulgentiarum*, n. 12).

Que a Bem-Aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e da Igreja, Saúde dos Enfermos e Auxílio dos Cristãos, nossa Advogada, ajude a humanidade sofredora, afastando de nós o mal desta pandemia e obtendo-nos todo o bem necessário para a nossa salvação e santificação.

O presente Decreto é válido, não obstante qualquer disposição contrária.

Dado em Roma da Sede da Penitenciaría Apostólica a 19 de março de 2020.

MAURO Card. PIACENZA  
Penitenciário-Mor  
KRZYSZTOF NYKIEL  
Regente

Nota da Penitenciaría Apostólica

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

marías hospitalares, onde estão internados os fiéis contagiados em perigo de morte, utilizando, na medida do possível e com as devidas precauções, os meios de amplificar a voz para que a absolvição possa ser ouvida.

Devem ser consideradas a necessidade e a oportunidade de criar, quando necessário, de acordo com as autoridades da saúde, grupos de "capelães extraordinários de hospitais", também numa base voluntária e em conformidade com as normas de proteção contra o contágio, para garantir a necessária assistência espiritual aos doentes e aos moribundos.

Onde o fiel se encontrar na dolorosa impossibilidade de receber a absolvição sacramental, deve-se recordar que a contrição perfeita, e

proveniente do amor do Deus amado acima de tudo, expressa por um sincero pedido de perdão (o que o penitente é atualmente capaz de manifestar) e acompanhada pelo *votum confessionis*, ou seja, pela firme resolução de recorrer, quanto antes, à confissão sacramental, obtém o perdão dos pecados, até mortais (cf. CIC, n. 1.452).

Nunca antes a Igreja experimentou o poder da comunhão dos santos, elevando ao seu Senhor Crucificado e Ressuscitado votos e preces, especialmente o Sacrifício da Santa Missa, celebrado diariamente, mesmo sem fiéis, pelos sacerdotes.

Como mãe bondosa, a Igreja implora ao Senhor que a humanidade seja libertada de tal flagelo, invocando a intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Misericórdia e Saúde dos Enfermos, e

do seu Esposo São José, sob cujo patrocínio a Igreja sempre caminhou pelo mundo.

Maria Santíssima e São José obtenham para nós abundantes graças de reconciliação e salvação, na escuta atenta da Palavra do Senhor, que ele repete hoje à humanidade: «Parai, reconheci que eu sou Deus» (Sl 46, 1), «Eu estarei convosco todos os dias» (Mt 28, 20).

Dado em Roma, da sede da Penitenciaría Apostólica, a 19 de março de 2020, Solenidade de São José, Esposo da B.A. Virgem Maria, Padroeiro da Igreja Universal.

MAURO Card. PIACENZA  
Penitenciário-Mor  
KRZYSZTOF NYKIEL  
Regente

## ANGELUS

A 27 de março a bênção Urbi et Orbi

## A universalidade da oração contra a pandemia do vírus

«Queremos responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração»: disse o Papa no final do Angelus de domingo — recitado ao meio-dia de 22 de março na Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano — anunciando duas iniciativas espirituais para 25 e 27 de março próximos. Anteriormente o Pontífice comentou o Evangelho do quarto domingo da Quaresma.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

No centro da liturgia deste quarto domingo de Quaresma está o tema da luz. O Evangelho (cf. *Jô* 9, 1-41) relata o episódio do cego de nascença, ao qual Jesus dá a vista. Este sinal milagroso é a confirmação das palavras de Jesus que diz de si mesmo: «Eu sou a luz do mundo» (v. 5), a luz que ilumina as nossas trevas. Este é Jesus. Ele realiza a iluminação em dois níveis: um físico e um espiritual: primeiro o cego recebe a *visão dos olhos* e depois é levado à fé no «Filho do Homem» (v. 35), ou seja, em Jesus. É tudo um caminho. Hoje seria bom que todos vós pegásseis no Evangelho de João, capítulo nove, e lésseis esta passagem: é tão bonita e nos fará bem lê-la uma ou duas vezes. Os prodígios que Jesus realiza não são gestos espetaculares, mas destinam-se a conduzir à fé através de um caminho de transformação interior.

Os doutores da lei — que estavam lá, um grupo — persistem em não admitir o milagre, e fazem perguntas insidiosas ao homem curado. Mas ele desconcerta-os com a força da realidade: «Uma coisa eu sei: havendo sido cego, agora vejo» (v. 25). Entre a desconfiança e a hostilidade dos que o rodeiam e o interrogam incrédulos, ele realiza um itinerário que gradualmente o leva a descobrir a identidade d'Aquela que lhe abriu os olhos e a confessar a fé nele. Primeiro considera o profeta (cf. v. 17); depois reconhece-o como alguém que vem de Deus (cf. v. 33); por fim acolhe-o como o Messias e prostra-se diante dele (cf. vv. 36-38). Compreendeu que ao dar-lhe a visão Jesus «manifestava nele as obras de Deus» (cf. v. 3).

Que também nós possamos fazer esta experiência! Com a luz da fé,

aquele que era cego descobre a sua nova identidade. Ele é agora uma «nova criatura», capaz de ver a sua vida e o mundo ao seu redor sob uma nova luz, porque entrou em comunhão com Cristo, entrou noutra dimensão. Ele já não é um mendigo marginalizado pela comunidade; já não é um escravo da cegueira e do preconceito. O seu caminho de iluminação é uma metáfora para o caminho de libertação do pecado a que somos chamados. O pecado é como um véu escuro que cobre o nosso rosto e nos impede de ver claramente a nós mesmos e o mundo; o perdão do Senhor tira este manto de sombra e escuridão e restitui-nos nova luz. A Quaresma que estamos a viver seja um tempo oportuno e precioso para nos aproximarmos do Senhor, pedindo a Sua misericórdia, nas diferentes formas que a Mãe Igreja nos propõe.

O cego curado, que agora vê com os olhos do corpo e da alma, é a imagem de todos os batizados que, imersos na Graça, foram arrancados das trevas e colocados na luz da fé. Mas não é suficiente receber a luz, é preciso tornar-se luz. Cada um de nós é chamado a receber a luz divina a fim de a manifestar com toda a nossa vida. Os primeiros cristãos, os teólogos dos primeiros séculos, disseram que a comunidade dos cristãos, ou seja, a Igreja, é o «mistério da luz», porque dava luz mas não tinha luz própria, era a luz que recebia de Cristo. Também nós devemos ser «mistério da luz»: dar a luz recebida do sol, que é Cristo, Senhor. São Paulo recorda-nos isto hoje: «Comportai-vos, pois, como filhos da luz; agora o fruto da luz consiste na bondade, na justiça e na verdade» (*Ef* 5, 8-9). A semente de vida nova colocada em nós no Batismo é como a centelha de um fogo, que nos purifica antes de tudo, queimando o mal nos nossos corações, e permite-nos brilhar e iluminar. Com a luz de Jesus.

Que Maria Santíssima nos ajude a imitar o homem cego do Evangelho, para que sejamos inundados pela luz de Cristo e nos coloquemos com Ele no caminho da salvação.



No final da recitação da prece mariana o Papa convidou para os dois encontros de 25 e 27 de março, elogiou o trabalho de quantos estão na primeira linha no combate à pandemia e recordou a população croata atingida por um terramoto.

Caríssimos irmãos e irmãs!

Nestes dias de provação, enquanto a humanidade treme com a ameaça da pandemia, gostaria de propor a todos os cristãos que unam e elevem as suas vozes ao céu. Convido todos os chefes das Igrejas e os líderes de todas as comunidades cristãs, juntamente com todos os cristãos das várias confissões, a invocar o Deus Altíssimo e Todo-Poderoso, recitando ao mesmo tempo a oração que Jesus Nosso Senhor nos ensinou. Convido, portanto, todos a fazerem isto várias vezes ao dia, mas, todos juntos, a recitarem o Pai Nosso na próxima quarta-feira, 25 de Março, ao meio-dia, todos juntos. No dia em que muitos cristãos recordam o anúncio à Virgem Maria da Encarnação do Verbo, que o Senhor ouça a oração unânime de todos os seus discípulos que se preparam para celebrar a vitória de Cristo ressuscitado.

Com a mesma intenção, na próxima sexta-feira, 27 de março, às 18 horas, presidierei a um momento de oração no adro da Basílica de São Pedro, com a praça vazia. A partir de agora convido todos a participar espiritualmente através da mí-

dia. Escutaremos a Palavra de Deus, elevaremos a nossa súplica, adoraremos o Santíssimo Sacramento, com o qual, no final, darei a Bênção *Urbi et Orbi*, à qual será anexada a possibilidade de receber a indulgência plenária.

Nós queremos responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração, da compaixão, da ternura. Permanecemos unidos. Façamos sentir a nossa proximidade às pessoas mais sozinhas e provadas. A nossa proximidade aos médicos, profissionais de saúde, enfermeiros e enfermeiras, voluntários... A nossa proximidade às autoridades que devem tomar medidas duras, mas para o nosso bem. A nossa proximidade aos polícias, com os soldados que procuram manter a ordem nas ruas, para que seja cumprido o que o governo nos pede para o bem de todos. Proximidade a todos.

Expresso a minha proximidade ao povo da Croácia atingido por um terramoto esta manhã. Que o Senhor lhes dê a força e a solidariedade para enfrentar esta calamidade.

E não vos esqueçais: hoje, pegai no Evangelho e lede calma e lentamente, o capítulo nove de João. Eu também o farei. Vai fazer-nos bem a todos.

E desejo-vos bom domingo. Não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e adeus!